

Aonde vais? A dor cresce, a luz e as trevas crescem. Choras, aferras-te a mim, cevas no sangue de meu coração. Esperneias como um filho em minhas entranhas. Aperto-te contra o peito e tenho medo. Tenho pena de ti.

É como se tivéssemos sepultado alguém que acreditávamos morto, e o ouvíssemos agora a gritar por socorro, em meio à noite. A custo ergueu a lápide que o sepulta — a alma e o corpo. E quanto mais a ergue, mais respira a gosto.

Cada palavra, cada ação, cada idéia, é essa pesada pedra tumular que Ele levanta. E meu corpo e o mundo que contemplamos, e o céu e a terra, são essa pedra tumular, que Deus se esforça por erguer.

As árvores gritam, e os animais e as estrelas: pereceremos! Dois braços estendidos para o céu brotam de todas as coisas vivas, a pedir socorro.

Os joelhos unidos contra o queixo, as mãos estendidas para a luz, sentado sobre os calcanhares, encolhido e trêmulo, Deus está contido em cada célula de carne.

Quando parto um fruto, é assim que imagino a semente. Quando falo aos homens, distingo Deus que luta em seus cérebros mesquinhos e grosseiros.]

De tudo o que existe, Deus estende os braços para a luz. Qual? A que é exterior a toda coisa.

Nem a dor, nem a esperança terrestre, nem a esperança futura; nem a alegria, nem a vitória — nada disto é por si só a essência do meu Deus. Toda religião que ergue um culto a uma dessas máscaras de Deus tolhe o nosso coração e a nossa mente.

A essência de meu Deus é a *luta*. Nessa luta, explodem eternamente e evoluem a dor, a alegria e a esperança.

A investida para o alto, a guerra à corrente contrária engendram a dor. Mas a dor não reina absoluta. A cada vitória, a cada instante fugidio de equilíbrio, a criatura viva se rejubila, se nutre, ama e procria.